

GISELLE BEIGUELMAN



BOTANICA



TIRANNICA

BOTANNICA
TIRANNICA

GISELLE
BEIGUELMAN

ALINE AMBRÓSIO
CURADORA

SESC TAUBATÉ
[21.09.23 - 25.02.24]

EXPOSIÇÕES ANTERIORMENTE REALIZADAS
MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO (2022)
3ª BIENAL DE KARACHI (PAQUISTÃO, 2022)
MUSEO SARTORIO (TRIESTE, ITÁLIA, 2023)



[HTTPS://
BOTANNICATIRANNICA.
DESVIRTUAL.
COM](https://botannicatirannica.desvirtual.com)

[7] ROMPER PODERES,
TRANSFORMAR A LÍNGUA
DANILO SANTOS MIRANDA

[8] A TAXONOMIA DO PODER
ALINE AMBRÓSIO

[OBRAS]

[11] ERRANTE

[13] FLORA REBELLIS

[15] A TAXONOMIA É UMA
TECNOLOGIA DE PODER

[17] UMA GENEALOGIA
DO PRECONCEITO

[19] TODA ERVA DANINHA
É UM SER REBELDE

[21] JARDIM DA RESILIÊNCIA

[23] FLORA MUTANDIS

[PESQUISA]

[33] A COLONIALIDADE
DA NOMENCLATURA
[OU PEQUENA ENCICLOPÉDIA
DO ULTRAJE]
GISELLE BEIGUELMAN



Nome
preconceituoso:
Orelha-de-judeu
Nome científico:
Aurilia judae

ROMPER PODERES, TRANSFORMAR A LÍNGUA

A língua é uma prática coletiva. Existe na interação entre imagem, som ou sequência de sinais e seu sentido, elementos unidos arbitrariamente que se propagam entre os que pertencem a um mesmo grupo. Esse processo, no qual nome atribuído e significado se fundem, não é, no entanto, uma ação orgânica, mas sim uma construção inserida no tecido social. Diferentes propósitos podem estar envolvidos no exercício de nomeação dos objetos, uma germinação de possibilidades, as quais são estopim para a discussão criada por Giselle Beiguelman, na exposição *BOTANNICA TIRANNICA*.

Criar termos que nomeiem espécies pode agir, em determinados contextos, como veículo para ações depreciativas. O vasto conjunto de plantas conhecido popularmente como ervas *daninhas* é usado aqui como elemento disparador, sintoma das imposições criadas pelas dinâmicas da língua. Vistas como indesejáveis, são chamadas, popular ou cientificamente, por nomes que carregam imposições de sentido, fruto da influência da língua em torno de fenômenos de apagamento, discriminação e preconceito.

Deslocados, esses identificadores apresentam dispositivos de poder, estruturas que demonstram maneiras de subordinação as quais, infelizmente, estruturam a sociedade. A mostra questiona tais narrativas hostis, utilizando e subvertendo os códigos contemporâneos da tecnologia, ao gerar criaturas híbridas e únicas, frutos de uma intensa pesquisa taxonômica associada a recursos da Inteligência Artificial. A junção entre arte, botânica e linguagem se desenvolve assim contra a tirania dos paradigmas e das formas fixas.

A naturalização da violência transportada pela linguagem é sinal de atenção. O Sesc, nesse sentido, cultiva seu papel socioeducativo, ao enxergar a língua e seus usos como parte de um organismo vivo – portanto instável –, importante tema para discussão da contemporaneidade. Ao refletir sobre a comunicação entre os seres e sobre o papel destes em seu desenvolvimento, abre-se espaço para transformá-la, não só para novas narrativas ambientalistas, mas também como ferramenta de contestação dos aspectos perversos da vida em sociedade.

DANILO SANTOS DE MIRANDA
DIRETOR DO SESC SÃO PAULO

A TAXONOMIA DO PODER

GISELLE BEIGUELMAN é reconhecida por investigar de forma inventiva a interseção entre arte, tecnologia e sociedade a partir de reflexões sobre questões da contemporaneidade que perpassam suas obras. Ao adentrar o universo das imagens e da botânica, a artista busca a ressignificação e redefinição da essência desses elementos visuais e da linguagem que os permeia, compreendendo seu papel e impacto nas dinâmicas sociais. Sua abordagem crítica questiona o legado do colonialismo e das estéticas que subjugarão não apenas corpos, territórios e imaginários, mas também a natureza.

Em *BOTANNICA TIRANNICA*, Beiguelman explora o território da ciência e interroga as relações entre a botânica clássica, a ciência hegemônica e o imaginário colonialista, historicamente presentes nas formas de dominação da natureza, sendo a própria ideia de natureza uma invenção da modernidade. Imaginário este que naturalizou o racismo e o preconceito contra mulheres, negros, indígenas, judeus, povos rom, sinti e caló (“ciganos”) e tantos outros grupos, como pessoas LGBTQIA+ e idosos, continuamente desqualificados e reprimidos por meio de nomes científicos e populares discriminatórios e pejorativos, presentes na nomenclatura científica.

Não por acaso, o gatilho para este projeto se deu quando a artista ganhou de presente uma muda de *Tradescantia zebrina*, popularmente conhecida como “judeu-errante” em vários idiomas e países. Expressão depreciativa que designa uma planta que insiste em sobreviver e se difundir mesmo diante de condições adversas, incorporando um tipo de associação que se repete em outros grupos sociais. Tal é o caso da *Thumbergia alata*, conhecida popularmente como “bunda-de-mulata”; da *Senecio jacobsenii*, vulgarmente conhecida como “trança-de-cigana” e da *Impatiens walleriana*, a popular “maria-sem-vergonha”. Esses são exemplos de alcunhas típicas de plantas consideradas, em diversas culturas e línguas, “daninhas” ou “infestantes”: aquelas que, na condição de intrusas, rebeldes e indesejadas, provocam dano, não servindo ao extrativismo colonialista e, por isso, condenadas à danação, às penas do inferno. Como defende o pensamento eugenista moderno, “a humanidade é um jardim”, de onde as ervas daninhas (indomáveis) devem ser eliminadas.

Em sua pesquisa, a artista, que já mapeou centenas de espécies de plantas submetidas à nomeação pejorativa, produz estéticas que funcionam como um contradiscurso a essas linguagens hegemônicas, pois resultam em um verdadeiro jardim decolonial – uma pós-natureza gerada com recursos de Inteligência Artificial, usados para cruzar diversas espécies dotadas de nomes preconceituosos, investigando e subvertendo as taxonomias e os padrões algorítmicos que sustentam o ideário colonialista que se projeta no colonialismo dos dados.

Por meio de suportes distintos – incluindo uma série de 18 impressões, cinco vídeos e um ensaio audiovisual –, a artista subverte os usos correntes da tecnologia, criando novos sentidos poéticos e novos significados políticos e sociais. Surgem assim criaturas híbridas, surpreendentes e desconcertantes, plantas ao mesmo tempo reais e imaginárias, verdadeiras e fictícias, que confundem a tal ponto que desarticulam a tendência taxonômica por meio de seus corpos estranhamente familiares, de sua plasticidade e de suas nomenclaturas intrigantes e impronunciáveis, dando forma a um jardim digital híbrido que se revela nas obras *Flora mutandis* e *Flora rebellis*.

BOTANNICA TIRANNICA é uma pesquisa em curso que ganha novos contornos a partir da experiência e das trocas com os públicos e com as curadorias que a acompanham. Apresentada pela primeira vez no Museu Judaico em São Paulo, com curadoria de Ilana Feldman, chega ao Sesc Taubaté, depois de passar pela Bienal de Karachi (Paquistão) e o Museu Sartorio (Trieste, Itália), incorporando novos eixos de investigação.

BOTANNICA TIRANNICA convida os diferentes grupos sociais a adentrarem o espelho da linguagem no intuito de ampliarem a percepção que têm de si mesmos, do outro e de suas práticas cotidianas e coletivas de exclusão, focando formas de vida resistentes e resilientes. Mobilizando criaturas naturais e artificiais infiltradas em jardins reais e digitais, as obras revelam a dimensão colonialista e preconceituosa das nomenclaturas científicas e populares e se mostram primordiais para a ruptura dos binarismos impostos, das identidades fixas, das forças taxonômicas e das políticas de dominação e segregação.

ALINE AMBRÓSIO
CURADORA





ERRANTE

Errante é o resultado da combinação de todas as espécies de plantas nomeadas vulgarmente como “judeu-errante” em vários idiomas. Personagem de uma narrativa que faz parte da tradição oral da semana da Paixão desde o século XIII, a lenda do Judeu errante associa os judeus ao martírio de Jesus Cristo e os denota como um povo amaldiçoado a vagar pela Terra sem descanso. Instrumentalizada pelo racismo científico do século XIX, a figura do Judeu-errante foi recorrente na propaganda nazista. Na filosofia contemporânea, contudo, o errante, o nômade, o desterritorializado é aquele que guarda a potência de forçar a desestabilização dos poderes centralizados e seus dispositivos de controle.

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle. 2022



FLORA REBELLIS



vídeos

As imagens generativas processadas com redes neurais de Inteligência Artificial reproduzem, do ponto de vista filosófico, as técnicas utilizadas pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911), criador da eugenia, a fim de sintetizar o perfil genérico de grupos populacionais por ele considerados nefastos ao progresso da humanidade, como judeus, criminosos e pessoas com deficiências. Para tanto, Galton desenvolveu o “retrato composto”, superpondo várias fotos de cada um desses grupos e eliminando suas particularidades. O processo é muito semelhante às formas pelas quais as IAs buscam padrões internos nas imagens, para gerar novas imagens. Ao utilizar plantas diferentes no interior de uma mesma categoria (judeus, mulheres, negros etc.), no aprendizado de máquina, impede-se que o programa chegue a um resultado uniforme, incitando-o a rebelar-se contra suas próprias regras de funcionamento, compondo, assim esta *Flora Rebellis*.

Registro em vídeo do
processamento generativo
de imagens feitas com
Inteligência Artificial a
partir de plantas com
nomes preconceituosos.
1024x1024px, 2'55", loop,
monocanal, 2022

ra daninha é

tecnologi



A TAXONOMIA É UMA TECNOLOGIA DE PODER

BOTANNICA TIRANNICA é pontuada por uma sequência de frases que funcionam como rastros da longa pesquisa feita para a exposição. Situadas nos vãos das paredes, na altura do piso, no interior e exterior do seu jardim ou na saída da mostra, elas condensam possíveis chaves de leitura do espaço. Como statements conceituais, as frases são: “E o que fica fora do padrão?”; “Mais Clorofila, Menos Cloroquina”; “Toda erva daninha é um ser rebelde”; “A nomenclatura é um ritual de apagamento”; “Nomear é tomar posse”; “As palavras são coisas”.

À esquerda, registros da obra na primeira versão de BOTANNICA TIRANNICA, no Museu Judaico de São Paulo, em 2022.

Letreiros luminosos, monocromáticos, verdes, 70 x 20cm, 2022
Adesivo em neon 1090x44cm, 2023
Design por
Maria Cau Levy



UMA GENEALOGIA DO PRECONCEITO



vídeo

Combinando imagens de arquivos diversos à reflexão crítica, o filme-ensaio condensa a vasta pesquisa feita para a exposição BOTANNICA TIRANNICA ao longo de um ano e meio. Peça chave do projeto, a obra discute as formas pelas quais o preconceito racial, cultural e de gênero se fundamenta cientificamente a partir do século XIX, contaminando o imaginário coletivo e desdobrando-se em linguagens, vocabulários e estéticas. Nessa imersão investigativa, revela-se um modo de ver e expressar o mundo, ainda presente em ciências de ponta, como o melhoramento genético de espécies vegetais e a Inteligência Artificial. Em seu conjunto, o filme interroga o espectro da eugenia racial e as possibilidades de consolidação de uma eugenia maquínica, conformada pelos sistemas de padronização.

ENSAIO AUDIOVISUAL

Narração por Ricardo, Vitória, Fernando (robôs de IA Som de fundo)
Áudio captado pelo helicóptero Ingenuity, da Nasa, em sua trajetória da Terra rumo a Marte, em 2021. 16:9, cor, full HD, stereo, 14", loop
2022



TOBA
ERVA
DANINHA
É UM SER
REBELDE

D DE SP

SENTIDO CENTRO

TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE

Se fosse necessário resumir Botannica Tirannica em uma frase, ela seria: “Toda erva daninha é um ser rebelde”. Síntese da rebeldia e resiliência em jogo na exposição, o dizer condensa as prerrogativas do projeto e da mostra. Como as ervas amaldiçoadas pelo extrativismo colonialista, a frase vaza da entrada para os Jardins da resiliência, emaranhando o dentro e o fora, à exposição.

À esquerda, registro da intervenção urbana realizada na primeira edição de BOTANNICA TIRANNICA, no Museu Judaico de São Paulo, em 2022.

Intervenção urbana,
lambe-lambe e pintura.

12 x 11,30 m
2022

COLABORAÇÃO
Maria Cau Levy
Adesivo sobre vidro.
13 x 3,3 m
2023



JARDIM DA RESILIÊNCIA

Jardim composto por variadas espécies de plantas portadoras de nomes antissemitas, etaristas, homofóbicos, imperialistas, misóginos e racistas. Resilientes e resistentes, essas espécies desafiam o imaginário colonialista dos processos de classificação e dominação da natureza, confrontando nomenclaturas baseadas em preconceitos.

PAISAGISMO

Bruno Araújo

2023





FLORA MUTANDIS

Série de imagens criada com Inteligência Artificial, resultante do cruzamento de espécies de plantas dotadas de nomes científicos e/ou vulgares ofensivos, os quais expressam preconceitos diversos, relativos a partes do corpo e traços culturais. A nomenclatura das espécies da série Flora mutandis foi gerada algorítmicamente a partir do embaralhamento dos nomes originais das espécies empregadas no processamento maquínico. O título da série faz referência à maior obra botânica sobre o Brasil (*Flora brasiliensis*, de Carl Friedrich von Martius, 1830) e à expressão latina *mutatis mutandis*: mudando o que tem de ser mudado.

TIACAOMOTLI
ACUAMTNS

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

2022

[23]

НЛОТРНСН АУРДТНОАЕОНГОТІВ



ТАХЕСОМНСЛЕУННІСІРБОУН ТЕСЕА



MAOMAMT ETINCARLIUSTACO



EOSMABTA AITRALENOLUNNOH



BREMORTIEIOEAUNCSCAI HNTUHRNCTUGILO



SIBINISI ESSPRARPAEUBA



ANOHPЕCBPEALYA ISRMSUNSIADЕ



SANJMAUNJAPCIAJ RUSA



SATRAPINT THEOTEN



RIOLLBIF FEARKAA



NAFII BATDAKHRUM



OEAN AQMOPPOEHCTHO



PAROPATAETCI DMATOSHLANCO



AIRNAINMYOIH PSEOESTIPA



УУАНХАР ПЕСИЛЛПҮНИУР



БНДЕАМИДЕД ДУАЛОАМТАНАТ



CSOSRAAR SAPTETEA



A COLONIALIDADE DA NOMENCLATURA [OU PEQUENA ENCICLOPÉDIA DO ULTRAJE]

POR GISELLE BEIGUELMAN

“Nomenclatura” é a palavra-chave do sistema taxonômico que o botânico e zoólogo sueco Carlos Lineu (1707-1768) sistematizou. Concebida na língua culta europeia da época, o latim, foi decisiva no apagamento das culturas dos povos originários. Longe de serem neutros, os nomes científicos espelham preconceitos que se desdobram na nomenclatura popular, operando como mecanismos de produção social da violência, por meio da linguagem que estrutura o imaginário coletivo. Não por acaso, seus maiores alvos são os mesmos grupos que o colonialismo marginalizou e oprimiu ao longo dos séculos: judeus, negros, mulheres, povos indígenas, ciganos (povos rom, sinti e caló), além dos grupos LGBTQIA+ e pessoas idosas, consideradas inaptas para o mundo produtivo do capital.

Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil e se repete no mundo todo, refletindo uma certa geopolítica do preconceito. Nos Estados Unidos, são mais numerosos os nomes derogatórios às pessoas pretas. Já na Alemanha, os alvos são judeus e ciganos. Entre nós, no Brasil, foco do recorte que apresentamos a seguir, nota-se um maior número de nomes pejorativos e maliciosos aplicados às mulheres, expressando o nada louvável viés misóginico e machista da nossa cultura. Alertamos que vários dos termos utilizados podem funcionar como um gatilho pela carga de violência que expressam. Não menos importante é frisar que outros tantos nomes, aparentemente inocentes, trazem entranhados em suas histórias pactos de opressão que esta nossa “pequena enciclopédia do ultraje” pretende evidenciar. Acompanhados de fotos das plantas a que se referem, constituem também um mostruário da beleza e da pujança de nossa flora, que resiste à expropriação e aos desmandos da tentativa de dominação e usurpação da natureza.



Saiba mais sobre
nomenclatura e preconceito
e entenda o ultraje destes e
outros nomes



Aristolochia triangularis
Chaleira-de-judeu



Begonia Masoniana
Begônia cruz-de-ferro



Clerodendrum thomsonae
Lágrima-de-cristo



Euphorbia milii
Coroa-de-cristo



Euphorbia tirucalli
Espinho-de-judeu



Physallis angulata
Cereja-de-judeu



Saxifraga stolonifera
Barba-de-judeu



Soleirolia soleirolii
Barba-de-Moisés



Thunbergia mysorensis
Sapatinho-de-judia



Tradescantia pallida
Judeu-errante



Tradescantia fluminensis
Judeu-errante



Tradescantia zebrina
Judeu-errante

NOMES ANTISSEMITAS

Na nomenclatura científica e popular, o antissemitismo incide sobre características físicas, como as orelhas estereotipadamente grandes, e culturais, como a barba dos religiosos. Adere, ainda, a mitos milenares, como o do povo deicida, que aparece na referência à coroa de espinhos de Jesus Cristo, presente em várias plantas, e à maldição do Judeu-errante, que remonta à Idade Média. Condenado a vagar sem descanso pelo mundo, segundo a lenda, o Judeu-errante foi fartamente instrumentalizado pela propaganda nazista, assim como a cruz-de-ferro. Esse nome tão preñado de sentidos antissemitas aparece em vários idiomas, como inglês, francês, italiano e espanhol. Também medieval é a associação da *Physalis* (“cereja-de-judeu” em diversos países) com pessoas judias. Apesar da aparência inocente, o nome é ofensivo e discriminatório. Isso porque suas folhas, que se sobrepõem ao fruto (sua “cereja”), remetem ao chapéu que os judeus eram obrigados a usar para serem diferenciados dos outros europeus nas ruas.



Annona coriacea
Cabeça-de-negro



Calycophyllum spruceanum
Pau-mulato



Citrus hystrix
Limão Kafir



Crassula Hottentot
Hotentote



Enterolobium contortisiliquum
Orelha-de-negro



Erythroxylum suberosum
Cabelo-de-negro



Muehlenbeckia complexa
Cabelo-de-negro



Fimbristylis miliacea hideriko
Cabelo-de-negro



Thumbergia alata
Bunda-de-mulata



Tanacetum vulgare
Catinga-de-mulata

NOMES RACISTAS

Os nomes de plantas que têm *kaffir* ou *cafrum* como seu componente são altamente ofensivos. Termo derivado do árabe para “infiel”, *cafir* tornou-se sinônimo de canibal, selvagem. É considerado nos países da África subsaariana um equivalente à repudiada palavra “nigger”, que hoje se convencionou dizer “palavra N” (N-word), pela violência racial que contém. Outro nome considerado infame é Hottentot, que lembra a história da Vênus Hotentote, princesa negra que foi levada para a Europa para estudos científicos e humilhantes espetáculos de entretenimento branco. Significativo do colonialismo é o nome francês *flamboyant*, árvore bastante presente na iconografia caribenha, que homenageia duplamente a colonização francesa, tendo como primeiro nome científico *Poinciana regia*, em referência a Poinci, governador das Antilhas francesas no século XVIII, atual Caribe.



Cereus peruvianus
Dama-da-noite



Cestrum nocturnum
Dama-da-noite



Clitoria
Clitória



Diospyros virginiana
Diospyros virginiana
(Cacaí-americano)



Echinocactus grusonii
Cadeira-de-sogra



Impatiens Walleriana
Maria-sem-vergonha



Fuchsia Hybrid
Brinco-de-princesa



Monstera Deliciosa
Costela-de-adão



Mirabilis jalapa
Dama-da-noite



Nymphaea amazonum
Nymphaea



Psychotria elata
Beijo-de-puta



Umbilicus rupestris
Umbigo-de-vênus

NOMES MISÓGINOS

A expressão “terra virgem”, pronta a ser conquistada e dominada, é bastante esclarecedora da força do pensamento patriarcal, corroborando o ponto de vista que atribui à mulher a função de mera “costela-de-adão”, um apêndice do mundo masculino, e nome popular de uma das mais conhecidas plantas brasileiras. Esclarecedora também desse mesmo pensamento patriarcal é a associação de flores brancas e delicadas com as palavras *virginiana*, *virginia*, *vaginatam*; e a categoria das ninfeias (musas gregas belíssimas que tinham como função servir aos homens), que encantaram o pintor Claude Monet. Nesse contexto, ganham peso termos como “dama-da-noite”, uma maliciosa alcunha que designa as trabalhadoras sexuais, e a erotização e objetualização do corpo da mulher preta.



Mimosa pudica
Mimosa pudica (Não-me-toques)



Paspalum vaginatum
Paspalum vaginatum
(Capim-doce)



Sansevieria trifasciata
Língua-de-sogra



Musa paradisiaca
Musa paradisiaca (bananeira)



Acanthospermum hispidum
Espinho-de-cigano



Adenocalymma peregrinum
Ciganinha



Tripogandra glandulosa
Trança-de-cigana



Petunia x hybrida
Petúnia-cigana

NOMES ANTICIGANISTAS

Plantas invasoras são chamadas de “ciganas” em vários países. O adjetivo é problemático não só porque generaliza os povos rom, sinti e caló, que têm histórias e proveniências distintas, mas especialmente porque a palavra “cigano” ainda aparece nos dicionários como sinônimo de trapaceiro, vagabundo, malandro e ladino (espertalhão, finório). Ladino, aliás, é o nome do idioma dos judeus da península Ibérica e do Marrocos. Na Alemanha, várias plantas com nomes preconceituosos com judeus têm equivalentes à palavra “cigano”, como a *Bidens tripartita*, um tipo de picão, chamadas de *Juddeleis* (piolho-de-judeu) e de *Zigunelai* (piolho-de-cigano). Nos dois casos, são plantas nas quais as inflorescências remetem à longa barba característica dos dois povos, ambos praticamente exterminados daquele país nos campos de concentração nazistas.



Bulbostylis paradoxa
Cabelo-de-índio



Cordyline fruticosa
Pena-de-índio



Cordia sellowiana
Chá-de-bugre



Gymnanthemum amygdalinum
Fel-de-índio



Pachycereus pecten-aboriginum
Pente-de-índio



Cojoba arborea
Brinco-de-índio



Gymnanthemum amygdalinum
Fel-de-índio

NOMES ANTI-INDÍGENAS

Neste nosso paradoxal “país-planta”, que homenageia uma árvore (pau-brasil, *ibirapitanga* em tupi-guarani) e incendeia florestas até hoje, uma situação *sui-generis* acompanha esses processos de violência pela linguagem, pois grande parte de nossa flora guarda ainda seus nomes indígenas, como jacarandá, entre outros. Nomear cientificamente é tomar posse, e aos povos originários foi negada a posse material e simbólica da natureza. Na organização científica do mundo, o jatobá, por exemplo, deixa de ser a árvore dos frutos duros, sagrada para os povos originários pelos seus poderes de cura, para tornar-se, na taxonomia de Lineu, a *Hymenaea courbaril*, em referência ao hímen feminino, pela rigidez da casca de seus frutos. Na terminologia popular é recorrente, ainda, apelidar os indígenas de bugres, o que implica uma tentativa de desumanizá-los e identificá-los como um povo sem alma.



Agave victoriae reginae
Agave-vitória-régia



Arundo donax
Capim-imperial



Alcantarea imperialis
Bromélia-imperial



Delonix regia
Flamboyant



Etlingera elatior
Bastão-do-imperador



Osmanthus fragrans
Jasmim-do-imperador



Roystonea Oleracea
Palmeira-imperial



Scadoxus multiflorus
Coroa-imperial



Paubrasilia echinata
Pau-brasil

NOMES IMPERIALISTAS

No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, dom João VI plantou a primeira palmeira-imperial do Brasil. Conhecida como *Palma mater*, supostamente deu origem a todas as palmeiras dessa espécie no Brasil. Símbolo do poder monárquico, as palmeiras-imperiais eram traficadas pelos escravizados, que engoliam as sementes e as armazenavam em suas fezes. Boa parte de nossas palmeiras deve ser filha dessa subversão silenciosa dos escravizados e carrega as memórias da resistência dos africanos negros aos desmandos da casa-grande. Índices do processo de usurpação colonial, as plantas que têm nome “do império” ou “do reino” expressam também as forças políticas, como a vitória-régia, símbolo da Amazônia brasileira que homenageia a poderosa rainha Vitória (1819-1901) da Inglaterra.



Victoria amazonica
Agave-vitória-régia



Dianthus caryophyllus
Cravo-verde



Lavandula angustifolia
Lavanda



Platyserium bifurcatum
Chifre-de-veado



Saintpaulia ionanthus
Violeta



Solanum plastisexum
Solanum plastisexum

NOMES LGTFÓBICOS E A VIRADA QUEER

O binarismo científico inventou um mundo dividido entre o masculino e o feminino que nunca existiu, como mostram as plantas mais complexas, as angiospermas, supostamente masculinas, mas que são intersexuais. Não por acaso, as flores funcionaram como códigos homofóbicos, como o amor-perfeito, que foi um sinônimo de “maricas”, por sua exuberância colorida, e a violeta, para marcar o lesbianismo, por ser a flor preferida de Safo, autora de poesia erótica lésbica (séculos VII-VI a.C.). Os movimentos LGBTQIA+ se apropriaram dessa terminologia, dando-lhe estatuto de símbolos de luta e identidade, como é o caso da lavanda (e sua cor lilás), o cravo verde do escritor Oscar Wilde, perseguido por sua homossexualidade, e a *Solanum plastisexum*, um tomate que muda de gênero ao longo da vida e se transformou em símbolo trans.



Viola tricolor
Amor-perfeito



Euphobia leucocephala
Cabeleira-de-velho
ou cabeça-de-velho



Asclepias physocarpa
Saco-de-velho



Zinnia elegans
Canela-de-velho
ou Moça-e-velha

NOMES ETARISTAS

A cultura contemporânea transformou a passagem do tempo em um problema a ser sanado por técnicas cirúrgicas de rejuvenescimento e aplicativos que “apagam” as rugas. Abolimos o “passado como passado”, disse o filósofo Peter Pál Pelbart, ou pelo menos o passado da forma como o conhecíamos: uma herança que se recebe e que se constrói. Por um lado, “o amanhã é hoje”. Por outro, dadas as catástrofes ecológicas cada vez mais recorrentes, talvez não tenhamos, de fato, algo a conservar. Nesse contexto, a velhice, indicadora de sabedoria na antiguidade, torna-se sinônimo de entrave e feiúra, e é caricaturizada pela calvície, a pele murcha e a barba desgrenhada. A velhice, no entanto, especialmente no mundo vegetal, é símbolo de resiliência, como mostram árvores com mais de 500 anos e flores como a zínia, que é popularmente conhecida como moça-e-velha.



Tillandsia usneoides
Barba-de-velho

SESC

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado
de São Paulo

PRESIDENTE DO

CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL

Rosana Paulo da Cunha

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

ADMINISTRAÇÃO

Jackson Andrade de Matos

ASSESSORIA TÉCNICA

E DE PLANEJAMENTO

Marta Raquel Colabone

CONSULTORIA TÉCNICA

Luiz Deoclécio Massaro Galina

GERENTES

ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS

Juliana Braga de Mattos ESTUDOS

E DESENVOLVIMENTO João Paulo

Guadanucci ARTES GRÁFICAS Rogério

Ianelli SESC TAUBATÉ Daniela Savastano

BOTANNICA TIRANNICA

ARTISTA Giselle Beiguelman

CURADORIA Aline Ambrósio

EQUIPE SESC

Adriano Alves Pinto, Aline Moreira, Carolina

Barmell, Cintia Wacho, Consuelo Carvalho,

Derival Gonçalves, Fabíola Tavares Milan

Fernanda Righi, Humberto Mota, Juliana

Okuda Campaneli, Karina Musumeci,

Lourdes Benedan, Marcela Barbosa, Márcia

Gonçalves, Maurício Del Nero, Patrícia

Grecco, Silvia Hirao, Suellen Barbosa, Thais

Suraty, Tina Cassie, Vanessa de Paula

PRODUÇÃO EXECUTIVA Nu Projetos de

Arte, Nathalia Ungarelli COORDENAÇÃO

DE PRODUÇÃO Heloisa Leite PRODUÇÃO

Emy Pimenta EXPOGRAFIA Helena

Cavalheiro, Amanda Klajner DESIGNER

Estúdio M-CAU Maria Cau Levy, Flora

Milanez, Daniel Rana PAISAGISMO

Bruno Araújo PROJETO DE ILUMINAÇÃO

Fernanda Carvalho ILUMINAÇÃO Santa Luz

SONORIZAÇÃO Maxi Áudio Luz Imagem

ADEREÇAGEM ARTÍSTICA Metro Cenografia

VS Engenharia JARDINAGEM Sollus

Paisagismo COMUNICAÇÃO VISUAL

Watervision MONTAGEM FINA Chico

Davina Érick Martinelli IMPRESSÃO FINEART

Arte Ampliada MOLDURAS Capricho

Molduras REVISÃO Luiz Roberto Mendes

Gonçalves COORDENAÇÃO EDUCATIVA

Cyntia Medeiros PARCERIA INSTITUCIONAL

Museu Judaico de São Paulo

CRÉDITO DE IMAGENS

Daniel Cabrel, 18; 20

Giselle Beiguelman, 2; 10-12; 22-32;51

Julia Thompson, 14

Wikimedia Commons, 6; 16; 34-49

Imagens não identificadas

são de autoria de Giselle

Beiguelman e relativas aos

processos de aprendizado de

máquina desenvolvidos pela

artista no desenvolvimento de

BOTANNICA TIRANNICA.



faça sua
credencial
sesc



TI R A N N I C A


[parceria]



[realização]



Sesc Taubaté
Avenida Engenheiro
Milton de Alvarenga
Peixoto, 1264
tel. 12 3634-4000

 [sesctaubate](https://www.instagram.com/sescstaubate)
[sescsp.org.br/taubate](https://www.sescsp.org.br/taubate)